

FATORES DE VELOCIDADE

(Extraído do Livro “Teoria e Didática da Estenografia”, Professores Pedro da Silva Luz & Wanda Canes Avalli, Editora: Livraria H. Antunes, Ltda., Rio de Janeiro, 1959)

É compreensão profundamente errada pensar-se que o conhecimento teórico de um sistema é suficiente para poder dedicar-se a sós à parte mais importante do estudo da estenografia: a velocidade.

Para se chegar a tal fim, pelo contrário, é absolutamente indispensável a experiência e a vigilância do professor.

É mister que todos os professores se persuadam – e façam com que os alunos se convençam – que a velocidade não consiste precisamente em afanar-se num movimento precipitado da mão, e sim no exercício gradual, lento, metódico e racional, educação da mente.

A orientação certa para se adquirir destreza em estenografia é a da realização a uma velocidade progressiva de exercícios metódicos e freqüentes, até chegar à automatização, sendo de fundamental importância que se componham esses exercícios de assuntos diferentes.

A aceleração no transcurso do treinamento, deve ser moderada, pois do contrário, pela afobação em obter rapidamente uma velocidade muito superior à que se possa, os resultados serão inteiramente desfavoráveis.

A leitura de exercícios estenográficos contribui com uma parcela bastante ponderável para se conseguir agilidade, uma vez que proporciona reter na memória as imagens do traçado, evitando-se, assim, vacilação, ou seja perda de tempo por ocasião do apanhamento.

Pode-se dividir nos seguintes princípios o desenvolvimento da velocidade:

1. Fatores pessoais: agilidade, calma, etc.
2. Fatores técnicos: treinamento, constância, etc.

Fatores pessoais – A agilidade é qualidade toda pessoa e nem sempre depende da nossa vontade, se bem que, com o exercício perseverante, se possa conseguir certo desembaraço. Este último pode ser ainda prejudicado pelo natural nervosismo de que são vítimas quase todos os principiantes, mas, com o tempo, virá a confiança em si mesmo e, com esta, a calma necessária para afastar essa causa de tanto desânimo pelos entraves que cria. Em geral todos temos as mesmas qualidades inerentes à personalidade humana, ainda que em potencial diferente, e tudo está em desenvolvê-las. Como se sabe, a função faz o órgão.

Fatores técnicos – Uma das maneiras de se removerem as dificuldades iniciais, é o treinamento, cujo principal objetivo deverá ser o de se conseguir estenografar sem hesitação e com traços bem firmes, de tamanho não muito grande, com o que se obterá a necessária rapidez e legibilidade da escrita.

Para isso são recomendáveis exercícios de cópia. Não se deve copiar palavra por palavra e sim frase por frase de cada período. O aluno lerá uma frase inteira e, em seguida, estenografará sempre sem fixar a atenção na grafia do original que tem diante de si. Repetirá algumas vezes o traçado das palavras que ainda não haja escrito em estenografia. A repetição nesses casos é de muita utilidade.

A HESITAÇÃO MANUAL E MENTAL ¹

Muitas pessoas que não lograram adquirir velocidade julgam faltar-lhes a devida agilidade manual. Não é exato, porém, segundo o atestam numerosos taquígrafos eminentes.

Todos aqueles que lograram velocidade estão de acordo em que o único obstáculo para a escrita textual é a hesitação.

A hesitação, que impede o registro rápido e ocasiona ilegibilidade, é, principalmente, mental, sendo a hesitação manual praticamente desprezível.

O conhecido perito J. B. Estoup, de Paris, em “*Gammes Sténographiques*”, diz: “O inimigo da velocidade taquigráfica é a hesitação mental”. “Admitindo que tivéssemos capacidade para escrever sem hesitação cada vocábulo saído dos lábios do orador, o único limite, em tal hipótese, para a velocidade taquigráfica, seria a aptidão de nossa mão para formar os sinais com a devida presteza.

Isto significaria uma rapidez potencial superior à de qualquer orador”.

De acordo com o ponto de vista do Dr. Wolfe Brown, “muitos jovens taquígrafos, cuja produção média chega apenas a 80 ou 90 ppm, atingem, durante certa fração de cada minuto, 160 a 180 palavras”. Isto prova que a hesitação mental, tornando a cadência da escrita irregular – não raro fazendo cessar completamente o movimento – inibe esses taquígrafos de adquirir velocidade de trabalho de 160 ppm.

O ritmo desigual precisa ser regulado e os maiores esforços deveriam convergir para a obtenção de um traçado fluente, macio e regular, ao serem fixados os sinais, passando-se de palavra a palavra em andamento constante, suave e sem pressa. Na realidade, os mais hábeis e velozes taquígrafos escrevem serenamente.

O esforço manual – não a hesitação mental – pode ser eliminado se nos devotarmos, alguns minutos por dia, a escrever, tão corretamente quanto possível, diversos tipos de frases adequadas. Este processo é conhecido como “aglomeração”.

¹ Extrato da conferência pronunciada em Londres, pelo Sr. Williams J. Burrows, perante a Sociedade Fonográfica Incorporada (Instituição de Taquígrafos mais antiga do mundo), publicada na “Revista Taquigráfica”, nº 97, maio de 1948, Rio de Janeiro.

Consegue-se mais facilmente destacar as frases aproximando os sinais, do que ligando-os. Assim procedendo, reduz-se a hesitação, eleva-se a velocidade e faz-se mais perfeita a legibilidade.

O registro taquigráfico segue um processo bem descrito pelo Sr. W. Estoup, por este modo:

1. Ouvir os sons pronunciados
2. Analisá-los
3. Selecionar os sinais para representar os elementos fônicos
4. Formar mentalmente uma imagem da combinação dos sinais, de acordo com as regras do sistema
5. Formar na mente a imagem do conjunto
6. Traçar o sinais

No início, é preciso passar por todas essas etapas, mas, paulatinamente, mediante prática apropriada, os números 2, 3, 4 e 5, que envolvem esforço mental e causam hesitação, podem ser banidos, passando o taquígrafo diretamente do 1º para o 6º, isto é, de ouvir os sons à escrita.

O problema consiste em saber “como afastar a hesitação” e incrementar a velocidade.

A este respeito estão em geral de acordo os especialistas.

Como Bunbury, afirmam todos: “Nada superior à repetição, para intensificar a velocidade”.

Diz Samuel Nelson: “Nunca deixe de repetir ou escrever novamente o que previamente já foi escrito, até os dedos se moverem mecanicamente ao serem ouvidos os sons”.

Bubury também recomenda: “Não sacrifique a legibilidade à velocidade, mas, ao contrário, deixe que esta venha naturalmente, repetindo o ditado até que cada sinal se torne familiar”.

RECURSOS CONTRA AS DIFICULDADES

De início, deve-se sobrepor à preocupação de pressa a da perfeição no traçar os sinais, acostumando-se, desde logo, a que estes não sejam de tamanho exagerado, pois, deste modo, muito se ganha na facilidade da tradução, como ainda na velocidade, uma vez que traços menores evidentemente se escrevem com menor dispêndio de tempo, de material e de energia, evitando a fadiga, que constitui um empecilho no sentido da rapidez e da perfeição estenográfica.

Assim, os sinais devem ser de tamanho reduzido, tal qual na escrita comum, em que se diminuem as letras quando se quer escrever rapidamente, com a diferença de que, em estenografia, longe de se tornar menos legível, a redução torna mais fácil a tradução, ao passo que, havendo o aumento desmesurado dos sinais, a diferenciação destes se torna muito mais difícil, trazendo confusão, além de perda de tempo. Esta é uma regra

importante e essencial para a perfeição, rapidez e eficiência do estenógrafo. Pelos motivos acima expostos, deve-se reduzir o espaço entre as palavras, de modo a evitar que medeie entre elas um espaço demasiado, cuja transposição demandaria desperdício de tempo, esforço e material.

Do mesmo modo, não se deverá por muita força no lápis, isto é, deve-se escrever levemente.

Não se deve esquecer, também, que, em qualquer aprendizagem, a serenidade é tudo. Nada prejudica mais a destreza natural do que o afobamento: inteiriza os músculos, descontrola os nervos, causa confusão mental e vem o cansaço, anulando, pouco a pouco, a agilidade. É certo que isso depende, em grande parte, do estado físico e do estado de espírito de cada um, havendo dias e momentos em que a pessoa se encontra em melhores ou piores condições. Todavia, certo domínio de si mesmo e o hábito de se controlar, que faz parte do ofício do taquigráfo, chega a tornar inoperantes mesmos esses fatores. Também a redução da pontuação à expressão mais simples é fator para a conquista da velocidade.

TEORIA SOBRE A AQUISIÇÃO DA VELOCIDADE TAQUIGRÁFICA
(Tradução e extrato do livro “I. E. T.”, ORGANO OFICIAL DEL
INSTITUTO DE ESTUDIOS TAQUIGRÁFICOS, Montevideo, Uruguay,
nº 8-9, marzo-abril de 1946 – págs. 29, 30, 31, 32)

1ª FASE

- percepção auditiva
- análise: a percepção auditiva sintética é analisada e decomposta em sons elementais;
- a busca e a conseqüente escolha dos sinais gráficos elementares correspondentes a cada som (obra da memória e da imaginação representativa)
- combinação desses elementos e dos sinais elementares, as regras do sistema;
- formação da imagem “visual” do conjunto dos sinais;
- finalmente, a imagem “motriz”, que produz a execução do estenograma

2ª FASE

- a maior parte das operações da 1ª fase desaparecem quando o ato se repete um número suficiente de vezes;

Nesta fase basta um ligeiro esforço de atenção para que a “percepção auditiva” evoque diretamente – SEM PASSAR PELAS OPERAÇÕES INTERMEDIÁRIAS – a imagem visual associada à imagem motriz.

3ª FASE

- Na terceira fase, a síntese fica reduzida à sua expressão mais simples. A imagem “visual” não é mais necessária; da percepção auditiva passamos diretamente, do modo automático, ao último elemento (a imagem motriz), sem que nossa consciência assista a este fenômeno.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

“Y esta evocación surgirá en nuestro espíritu com tanta mayor rapidez cuantas más veces hayamos hecho coincidir la percepción auditiva, la imagen visual y la imagen motriz de la misma palabra”.

“Poco a poco, a medida que vayamos repitiendo el acto, dejarás de sernos necesarias la atención, la memoria, la imagen visual, etc., y pasaremos directamente, sin intermediario alguno, de la sensación auditiva a la imagen motriz”.